

***A revolução que nasce quando mulheres negras se movimentam:
relato de experiências do projeto de pesquisa e extensão - grupo
Liberta Preta (UNEB/Seabra-BA)***

Aline Nery dos Santos⁴¹

RESUMO

O presente relato tem por objetivo focar as experiências de um movimento de mulheres negras que nasceu na cidade de Seabra-BA, Chapada Diamantina, batizado de *Liberta preta*. Esse grupo surge a partir do projeto de extensão: **Rasuras literárias para re-existir: estudos sobre opressões e violências contra a mulher negra expressa na literatura de escritoras negras**, desenvolvido pela professora Aline Nery, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XXIII. O trabalho se desenvolveu a partir das abordagens teóricas sobre os estudos decoloniais e o feminismo negro e da literatura produzida por mulheres negras, promovendo o debate, a pesquisa e prática, através das oficinas temáticas realizadas nas escolas da rede Estadual de ensino médio e no Instituto Federal da Bahia (IFBA/SEABRA). Os resultados desse grupo, podem ser comprovados com a mobilização das participantes, mulheres negras, em sua maioria discentes do campus, dos cursos de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa e Língua Inglesa), Pedagogia e Jornalismo, fortalecendo a luta antirracista, e contribuindo com empoderamento e emancipação dessas mulheres.

Palavras – chave: Mulheres negras. Militância. Resistência. Empoderamento. Feminismo Negro.

*A REVOLUTION THAT IS BORN WHEN BLACK WOMEN MOVE ON: LIST OF
EXPERIENCES IN THE RESEARCH AND EXTENSION PROJECT - GRUPO LIBERTA
PRETA (UNEB / SEABRA-BA)*

ABSTRACT

The present report aims to focus on how to experience a movement of black women who was born in the city of Seabra-BA, Chapada Diamantina, baptized as *Liberta negra*. This group increased the extension project: **Literary erasures for reexistence: studies on oppression and violations against a black woman that demonstrated black writer's literature**, developed by Professor Aline Nery, from the State University of Bahia (UNEB), Department of Human Sciences and Technologies, Campus XXIII. The work carried out from the theoretical approaches on decolonial studies and black feminism and black literature by black women, promoting debate, research and practice, through thematic workshops studied in the schools of the state high school and at the Federal Institute of Bahia (IFBA / SEABRA). The results of this group can be seen with the mobilization of participants, black women, most of their students on campus, undergraduate courses in Letters, Portuguese and English, Pedagogy and

⁴¹ Doutoranda em Literatura e Cultura, pelo Programa de Pós- Graduação em Literatura e Cultura, linha de pesquisa: Documentos da memória Cultural, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), CAMPUS XXIII, Seabra. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
TEL: 75 988647307 EMAIL: neryline@hotmail.com

Journalism, strengthening the anti-racist struggle and contributing to empowerment and emancipation of these women.

Keywords: Black women. Militancy. Resistance. Empowerment. Black Feminism.

*UNA REVOLUCIÓN QUE NACE CUANDO LAS MUJERES NEGRAS SIGUEN: LISTA DE
EXPERIENCIAS EN EL PROYECTO DE INVESTIGACIÓN Y EXTENSIÓN - GRUPO
LIBERTA PRETA (UNEB / SEABRA-BA)*

RESUMEN

El presente informe tiene como objetivo centrarse en cómo experimentar un movimiento de mujeres negras que nació en la ciudad de Seabra-BA, Chapada Diamantina, bautizada como Liberta negra. Este grupo aumentó el proyecto de extensión: borrados literarios para la reexistencia: estudios sobre la opresión y las violaciones contra una mujer negra que demostraron la literatura del escritor negro, desarrollado por la profesora Aline Nery, de la Universidad Estatal de Bahía (UNEB), Departamento de Ciencias Humanas y Tecnologías, Campus XXIII. El trabajo realizado sobre la base de enfoques teóricos de los estudios descoloniales y el feminismo negro y la literatura negra por mujeres negras, promoviendo el debate, la investigación y la práctica, a través de talleres temáticos estudiados en las escuelas secundarias estatales y en el Instituto Federal de Bahía (IFBA / SEABRA). Los resultados de este grupo se pueden ver con la movilización de participantes, mujeres negras, la mayoría de los estudiantes en el campus, cursos de grado en letras, portugués e inglés, pedagogía y periodismo, fortaleciendo la lucha antirracista y contribuyendo al empoderamiento y la emancipación de estas mujeres.

Palabras-clave: mujeres negras. Militancia. Resistencia. Empoderamiento. Feminismo negro

Introdução

A história das mulheres não tem sido fácil. Tem em seu percurso uma dura saga de opressões sofridas que foram galgadas principalmente pela sociedade patriarcal, que sempre as colocou num lugar de subalternidade, e colocando como centro dessa base, justamente o homem. Dessa forma, quebrar o ciclo das opressões sofridas não foi fácil. Sendo necessário anos de lutas para a emancipação e empoderamento das mulheres no contexto social.

Pensando nesse paradigma, e colocando a mulher negra nesse contexto, sabe-se que há uma especificidade de opressões e violências sofridas em comparação às mulheres brancas, fazendo com que o movimento de mulheres negras fosse ainda mais intenso e atuante para tentar romper com esse sistema. Sueli Carneiro (2003), em seu artigo, *Movimento de mulheres*, mostra como a união de mulheres negras foi importante para repensar as pautas de lutas

feministas, trazendo para o centro as opressões sofridas pelas mulheres negras, e como esse processo foi (e é) fundamental para a emancipação e o empoderamento das mulheres negras.

A partir dessa premissa, o presente relato pretende destacar as experiências das participantes do grupo *Liberta preta*. Esse grupo se origina a partir do projeto de extensão: *Rasuras literárias para re-existir: estudos sobre opressões e violências contra a mulher negra expressa na literatura de escritoras negras*, desenvolvido pela professora Aline Nery, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, Campus XXIII. O projeto tem como objetivo: Analisar obras da Literatura negra afro-feminina com o intuito de estabelecer relações com a teoria do feminismo negro, desenvolvendo abordagens que toquem nas representações de violências, corpo, sexualidade, afetos, entre outros. Esse projeto está vinculado ao Programa Afirmativa (PROAF), junto a Pró-Reitoria de ações afirmativas, coordenado pela Professora e Pró-Reitora de Ações Afirmativas Amelia Amaraux.

O projeto se iniciou em junho de 2018, com a seleção da monitora e a inscrição das participantes para formalizar o grupo de estudos, que foi batizado de *Liberta Preta*. Esse grupo de estudos faz parte da metodologia do projeto de extensão, para dar conta dos estudos dos textos teóricos e da Literatura de escritoras negras brasileiras e para a criação e execução das oficinas que foram a culminância do projeto, para aplicar nas escolas públicas de ensino médio do município. Inicialmente, o grupo contou com 30 pessoas, em sua maioria mulheres negras e discentes do Campus XXIII, alunas dos cursos de Licenciaturas em Letras (Língua Portuguesa e Inglesa), Pedagogia e Jornalismo, sendo muitas delas de comunidades rurais, quilombolas, professoras da rede municipal e agentes de saúde e comunitárias, corpos que foram tocados pelo racismo, pela homofobia, e por diversas formas de opressões e violências.

Além dos textos lidos, essas mulheres a cada encontro, produziam relatos que falavam sobre o aprendizado teórico, o texto ficcional (literatura), fazendo relação com a prática de suas vidas ou das vivências cotidianas de seus pares. Com isso, foi identificado, dentre essas mulheres, muitas opressões e violências sofridas por elas, e assim, em consonância com o grupo, construiu-se algumas estratégias para superar esses problemas e seguir resistindo. A partir do conhecimento epistemológico, com teoria de intelectuais negras, foi desenvolvida uma oficina temática, para aplicar nas escolas públicas do Ensino Médio do município de Seabra. Tivemos também o convite para aplicar essa oficina na Semana Preta do Instituto Federal da Bahia (IFBA-Campus Seabra), no mês de novembro de 2018.

O grupo de estudos se tornou um espaço de reflexões e análise de conjuntura das perspectivas atuais das mulheres de Seabra e região da Chapada Diamantina, essa movimentação extrapolou os muros do Campus da UNEB, e ganhou as ruas da cidade, tornando o grupo uma espécie de coletivo⁴², um espaço onde essas mulheres pensam em suas opressões, se organizam para a luta e mantêm sua resistência. Essas estratégias se realizaram através das oficinas sobre opressões e empoderamento que os grupos desenvolveram nas escolas, para multiplicarem esses saberes com outras meninas/mulheres. A culminância foi a produção de um fanzine⁴³ (produto final do projeto de pesquisa), com os relatos e experiências do grupo para ser distribuído na cidade e região, para finalizar o ciclo de um ano de existência e encerrar o projeto de extensão vinculado ao PROAF.

Ao terminar esse primeiro ciclo, o grupo já fortalecido, insistiu para que as atividades não parassem, por esse motivo, a partir de agosto de 2019, o projeto de pesquisa foi submetido à seleção dos projetos de extensões do NUPE (Núcleo de pesquisa) do Campus XXIII, sendo aprovado e funcionando até o atual momento (maio de 2021), como projeto de extensão do departamento. Ao estender as ações, permitiu que o grupo ampliasse seu campo de pesquisa, tendo algumas participantes que fizeram seus TCC's (Trabalho de conclusão de curso), com temáticas voltadas às teorias decoloniais, feminismo negro e com a Literatura negra feminina, e também o *Liberta preta* foi objeto de estudo da Monografia de duas alunas do Campus, em que pesquisaram os caminhos do empoderamento e emancipação das mulheres negras que participaram do grupo.

Do despertar para a luta

O movimento de mulheres não é algo novo, contudo, tem se tornado cada vez mais ativo e participativo, muitas mulheres têm se reunido, em diversos lugares para pensar em suas condições atuais de vida. No Brasil, esse movimento é muito respeitado, pois há muitos frutos colhidos dessa trajetória, como destaca Sueli Carneiro (2003):

Esse movimento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de democratização do Estado produzindo, inclusive, inovações importantes no

⁴² Coletivos têm sido uma forma de militância crítica a atuação do ativismo. Esses coletivos buscam construir sua militância tentando romper com a necessidade de um sujeito político unitário e sempre procuram enfatizar a multiplicidade e a heterogeneidade dos sujeitos que compõe a militância. fonte: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/17041>

⁴³ Um fanzine (aglutinação de fã e magazine ou zine) é uma publicação não profissional e não oficial, produzido por entusiastas de uma cultura particular (como um gênero literário ou musical) para o prazer de outros que compartilham seu interesse. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>

campo das políticas públicas. Destaca-se, nesse cenário, a criação dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. (CARNEIRO, 2003, p.117).

A trajetória de lutas é imensa, e as conquistas também, tudo isso, se deu a partir da união dessas mulheres e da busca por igualdade e equidade, que não cessam. Pois, à medida que avança a luta, os desafios também surgem. Nesse impasse, não se pode deixar de atentar ao fato do contexto político atual brasileiro, com o governo do Presidente Jair Bolsonaro, que explicitamente, pretende tolher e acabar com essas conquistas e barrar as vitórias, criando desgastes e retrocessos. Frente a essa situação, a militância e a luta foi se intensificado e os movimentos estão crescendo e fortalecendo a resistência.

Considerando a luta de mulheres, é preciso destacar as mulheres negras, visto que, quando falamos em feminismo, pensamos nas opressões gerais, dentre elas o sexismo⁴⁴, contudo, por muito tempo, esse movimento invisibilizou outras formas de opressões que vão além dele, como o racismo, por exemplo. Assim sendo, Sueli Carneiro, traduz em sua frase “*vamos enegrecer o feminismo*”, justamente a necessidade de pensar em uma pauta plural, que acolha a mulher negra, com destaque para as suas especificidades de opressões sofridas, ou seja, criar “práticas diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira [...]”. (CARNEIRO, 2003, p.119)

Há bastante questionamentos sobre o feminismo negro, pois nega-se ainda que haja diferença entre as condições entre mulheres negras e mulheres brancas, apesar da escravização e dos impactos coloniais, a mulher negra ainda está aquém das condições das mulheres brancas na sociedade, principalmente quando se fala das condições ocupacionais de emprego e renda, como também de saúde, educação e violência. E nesse enfoque, não podemos esquecer do racismo,

[...] que também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. (CARNEIRO, 2003, p.119)

O lugar de luta do feminismo negro vem justamente destacar que a mulher negra não ocupa mais esse espaço de subalternidade. Os movimentos comprovam isso. Nesse percurso, é

⁴⁴ Atitude, discurso ou comportamento que se baseia no preconceito e na discriminação sexual: a exaltação exagerada do masculino ou do feminino é uma forma de sexismo. Fonte: <https://www.dicio.com.br/sexismo/>

necessário refletir como os movimentos, mesmo os menores, como os coletivos, podem impulsionar as pautas de lutas e potencializar ações para a superação das opressões. Falando em movimentos, pensamos diretamente nos grandes eventos, contudo, é fundamental observar os movimentos menores, como os coletivos e como suas atividades e ações desencadeiam propostas, outros olhares e reforçam as pautas da militância. Destarte, é de interesse questionar quais resultados essas mulheres negras tem obtidos a partir desses movimentos? A partir do *Liberta preta* busca-se responder a esse questionamento.

Segundo Angela Figueiredo (2018), em seu artigo *A marcha das mulheres Negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder*, descreve a importância do movimento da marcha das mulheres negras em 2015, demonstrando que este é um movimento agregador que atrai mulheres que nunca participaram de outros movimentos ou causas sociais.

[...] as organizadoras da marcha conseguiram atrair mulheres que nunca antes haviam participado sequer de reuniões do feminismo hegemônico, sendo, portanto, uma virtude a ser destacada na Marcha: sua capacidade de atrair mulheres negras de diferentes extrações sociais, urbanas e rurais, em decorrência de um discurso dotado de bastante sentido para uma pluralidade de mulheres negras [...] (FIGUEIREDO, 2018, p. 203).

O grupo de pesquisa e extensão *Liberta preta*, que funciona também como um coletivo, traz uma característica muito parecida com essa descrita por Figueiredo (2018), que é reunir mulheres negras de várias localidades, profissões, crenças, que nunca participaram de movimentos ou discussões sobre o feminismo, para o centro da luta, ampliando, dessa forma, seu lugar de atuação. De fato, foi relatado pela maioria das participantes que o *Liberta preta* foi o primeiro lugar de militância para pensar nos assuntos relacionados principalmente ao feminismo negro.

Quando o grupo se reuniu pela primeira vez, o que mais chamou a atenção foram os olhos curiosos dessas mulheres que queriam saber o que era o “feminismo negro”. Elas sabiam que existia feminismo (muitas tinham até medo da palavra), mas esse adjetivo “negro” causou alvoroço como também as dúvidas. Após a primeira conversa, e a leitura do texto “*Vamos enegrecer o feminismo*”, da intelectual negra Sueli Carneiro, e de contos do livro *Olhos d’água* da escritora negra Conceição Evaristo, foi-se diluindo as dúvidas e crescendo a vontade de conhecer e participar, uma vez que muitas dessas mulheres entenderam a importância do feminismo negro, perceberam, na prática, o quanto elas se encaixavam na luta e se propuseram a acompanhar o grupo, para aprenderem mais e juntas trocarem experiências.

Na metodologia do grupo, após cada encontro, era solicitado um relato escrito, para a construção do nosso fanzine, em que essas mulheres destacam o que lhes afeta no texto lido, o que trouxe de positivo, o que lhe incorpora para sua vida e o que fazer após lê-lo? Após o primeiro encontro, uma participante, denominada, P.A⁴⁵, relata:

Entendi a importância do feminismo negro, agora eu entendo a luta e me sinto parte dela, antes achava que o feminismo era uma perda de tempo, contudo, entender nossas pautas específicas me fez ver que preciso lutar e levar essas ideias para a comunidade onde moro (um povoado da zona rural de Seabra), sinto que outras mulheres negras, minhas amigas ou não precisam saber sobre isso.

A participante, denominada aqui P.B, traz um pouco de seu alívio com toda sua descoberta:

Que bom que temos um espaço para refletir e discutir sobre o feminismo negro na Universidade, pois as vezes me sentida ilhada com tanto assunto que não me chamava a atenção. Gostei do texto da Sueli Carneiro e me envolvi muito com o conto de Conceição Evaristo, acho que farei TCC com esse livro. Nunca tinha participado dessas coisas de grupo, coletivo, mas entendi porque precisamos nos unir.

Nessas falas é possível notar que o grupo mobilizou e atiçou a curiosidade para mergulharem nos estudos, muitas delas que não viam sentido em se reunir, repensaram essa necessidade ao ler e experienciar sobre o feminismo negro, pois não se pode esquecer o que diz Ângela Davis (2017), que, quando mulheres negras se movimentam, toda a estrutura se move com elas.

E as pautas? Quais são elas?

Outra problemática destacada no grupo foi entender sobre as pautas do feminismo negro, quais seriam? E para que serviam? Após o segundo encontro, que se discutiu mais a fundo foi sobre essa temática, as participantes se colocaram dentro dessa vivência, principalmente quando se toca no racismo e no sexismo, pois a maioria delas não sabiam (ou passaram a saber naquele momento) que sofriam dessas opressões. Como destaca a participante P.C:

O racismo nos destrói, faz-nos sentir menores e incapazes. Eu sempre me senti assim, pensei que era coisa minha, mas agora entendo que muito dos olhares

⁴⁵ Os relatos que constam aqui foram colhidos durante o período de junho de 2018 a março de 2019, aqui trabalharemos com o relato de três mulheres identificadas como P.A, P.B e P.C (Participante A, B e C).

e críticas que recebi tem um cunho racista. Preciso me fortalecer porque sei que sou capaz [...]. As vezes não percebia que as falas direcionadas a minha capacidade de realizar algo estava diretamente relacionada ao sexismo, também por ser mulher [...]

O racismo e o sexismo produzem efeitos violentos sobre a mulher negra, como reflete Lelia Gonzalez (1983): “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular.” (GONZALEZ, 1983, p. 224). Ainda de acordo com a autora, é comum a infantilização das mulheres negras para não serem levadas a sério, assim, são colocadas em lugares subalternos, fazendo-as acreditar que é preciso repetir sempre o ciclo estereotipado da mulata, da mãe preta, da empregada doméstica.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, ciancice, etc. e tal. (GONZALEZ, 1983, p. 225).

A intelectualidade também é um fator que é preciso evidenciar, quando se fala de mulheres negras, já que esse é um lugar que ainda está delegado, sacralizado, para o branco. Ver uma mulher negra na Universidade ainda é um fator chocante, ainda mais quando essas mulheres começam a produzir intelectualmente, criando suas epistemologias e confrontando com as teorias que a colonialidade nos impôs. Até porque o conhecimento é compatível com o poder do grupo que o criou. Se o homem branco, ocidental, valida diversos conhecimentos, pode-se perceber que a exclusão das mulheres (principalmente a negra) nesse processo, ou a forma equivocada como são tratadas, surge justamente por esse motivo. Patrícia Hill Collins (2018), em seu texto: *Epistemologia feminista negra*, enfatiza que os temas abordados pelas mulheres negras tocam em seu universo de vivências e experiências e elas tem como impasse a validação desse conhecimento por esses mesmos homens brancos.

O grupo *Liberta Preta*, estando presente em um espaço acadêmico, desperta nessas mulheres justamente esse olhar para sua intelectualidade, saindo de uma perspectiva de exclusão e marginalidade dentro da própria Universidade e se percebendo produtoras de conhecimentos e mediadoras de experiências e vivências que geram outros aprendizados. Esse movimento de intelectualidade força também o confronto do conhecimento que é produzido e validado dentro da academia.

Outro fator a se destacar é o empoderamento pela intelectualidade, dentro dos relatos é notório o reconhecimento da capacidade de ter suas ideias e trabalhos validados. Após a discussão do texto “*Intelectuais negras*” de bell hooks⁴⁶, essas mulheres se sentiram prontas para colocar suas discussões em pautas e saírem do lugar de subalternidade para ocupar o centro dos debates. Atualmente é possível ouvir de outros professores sobre a mudança de postura de algumas dessas alunas que participam do *Liberta Preta* e como essa prática vem as ressignificando positivamente.

As experiências dessas meninas/mulheres dentro das paredes da Universidade também demonstram essa mudança:

Primeiro e segundo semestre eu não falava nada porque achava que não tinha nada a contribuir, tinha medo de abrir minha boca, pois desde a escola que venho sendo silenciada. Nesse semestre (terceiro), tenho treinado para falar, dar minha opinião e ser participativa, o texto da bell hooks me ajudou a mudar minha postura. (Participante P.C)

A participante relata o silenciamento que muitas mulheres negras ao adentrar a Universidade enfrentam e que nem sempre conseguem romper esse ciclo, sucumbindo às imposições da estrutura branca/ocidental/patriarcal que ainda permanecem nas academias. Nesse contexto, houve um relato bastante forte de uma participante:

Passei por um constrangimento muito grande quando entrei para certa faculdade. Ao fazer a discussão de um texto passado por uma professora, e colocar minha opinião que no caso foi contrária a dela, ela se enfureceu e me disse que eu era muito agressiva na fala, que parecia um gorila, que eu gritava e não tinha muito o que falar. Fiquei constrangida e depois disso não dei mais minha opinião em sala. (participante P.B)

A opressão sofrida por essa mulher a fez se calar, a silenciando e colocando em cheque a sua opinião e a sua capacidade de discordar, diminuindo seu intelecto e seus argumentos, até porque, frente aos conhecimentos eurocêtricos, que ainda pairam nas Universidades, é difícil, para elas/es imaginarem que a mulher negra é inteligente, pensa, reflete, cria e desenvolve tanto outras teorias como as suas próprias, quanto a isso, Oyèrónké Oyewumí (2018), discute: “[...] um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: A Europa é representada como a fonte do conhecimento, e os europeus, como os conhecedores[...]” (Oyewumí, 2018, p. 171). Nesse embate com o conhecimento propagado, a epistemologia negra mantém-se firme e

⁴⁶ A escolha da letra minúscula é justificada pelo interesse da autora em dar mais enfoque ao conteúdo desenvolvido em suas obras e menos a sua pessoa.

continua a quebrar os paradigmas impostos, ampliando as possibilidades de discussões, que realmente contemplem ao povo negro, e principalmente, à mulher negra, que busca a validação dessas epistemologias entre seus pares, já que as demais não as contemplam.

Nesse movimento, Hill Collins (2018), diz que a epistemologia negra feminina, uma epistemologia alternativa, que vai contra a corrente da validação positivista, e valida suas teorias a partir das experiências, discursos compartilhados entre mulheres negras, buscando nesse processo avaliar e reivindicar o processo de “verdade”.

Enquanto membros de um grupo subordinado, as mulheres negras não podem se dar ao luxo de serem tolas, uma vez que a sua objetificação como “outras” as nega a proteção pela pele branca, pela masculinidade e pela riqueza. Essa distinção entre conhecimento e sabedoria, e o uso da experiência como a fronteira que os separa, é central para a sobrevivência das mulheres negras. No contexto de opressões intersectadas a distinção é essencial. O conhecimento desprovido de sabedoria é essencial para a sobrevivência do subordinado. (HILL COLLINS, 2018, p.149)

Frente a esse contexto, formar mulheres negras, para conhecerem suas epistemologias, aprenderem consigo próprias a desenvolver estratégias para superar as opressões, tem sido o trabalho do grupo *Liberta preta*, que embora, ainda com pouco tempo de existência, tem proporcionado debates calorosos, grandes experiências e ampliando as possibilidades de apoio e cuidados às mulheres negras tanto do município de Seabra, como também das cidades ao seu entorno, que pertencem ao território da Chapada Diamantina.

Quais caminhos seguir?

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou um amadurecimento crítico frente às questões vivenciadas pelas mulheres negras no decorrer da história e na sociedade atual. Ao passo que o projeto proporcionou as participantes, maioria de alunas do Campus XXIII, contato com diversas autoras negras tais como: Sueli Carneiro, bell hooks, Conceição Evaristo, Ryane Leão, Livia Natália, Vilma Piedade dentre outras, expandindo o leque de conhecimento a respeito do feminismo negro, que ainda é tão pouco explorado na Universidade.

Os relatos das participantes demonstraram como não apenas o projeto, mas os movimentos das mulheres negras, em geral, são importantes para que as mulheres possam desenvolver o conhecimento crítico, além do resgate da nossa história que foi, por muito tempo, camuflada pela constituição de uma sociedade machista e branca. E também, não se pode esquecer, que essas participantes, maioria de alunas de cursos de licenciaturas, e, portanto,

futuras professoras, terão outras perspectivas ao pensarem sua prática pedagógica, sendo agentes importantes no combate ao racismo, sendo indispensáveis na construção do currículo das escolas que estarão envolvidas.

No decorrer dos relatos, através das experiências das participantes, em consonância com as teóricas que embasaram as atividades, a maioria das participantes, ao passo que tinham contato com as intelectuais negras, passaram a compreender como estas são relevantes, não apenas para a sua identificação com as narrativas, bem como a autoaceitação da identidade negra, mas principalmente para o amadurecimento e para o fortalecimento para a luta, que se deu justamente a partir das oficinas nas escolas, e pelo trabalho de pesquisa dos TCC's e através da monografia apresentada sobre o grupo, que fortaleceu a importância do projeto para o Campus XXIII e para essas mulheres negras que se mantem resistentes e empoderadas.

Referências

- CARNEIRO, Sueli. **Vamos Enegrecer o Feminismo**: A situação da mulher negra na America Latina a partir de uma perspectiva de gênero. São Paulo. – Instituto da Mulher Negra. 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf>. Acesso em: abril de 2020;
- CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v.17, n. 49, 2003, p. 117-132.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. 495 p.
- DAVIS, Ângela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres Culturas e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade. In: **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebadoras/ Bell Hooks; tradução Ana Luíza Libânio. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Recurso digital.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano/ Grada Kilomba; tradução Jess Olivera. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyeronké. Conceituando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. COSTA, Joaze Bernadino, TORRES, Nelson Maldonado e GROSFUGUEL, Ramon (org). Belo Horizonte: editora Autêntica, 2018. P.171-182.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. 1ª ed.São Paulo: Nós Editora, 2018.